



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

Morte em pauta: De Elis às Práticas Jornalísticas

Death on the agenda: From Elis to Journalistic Practices

Graziele Iaronka da Silva

Palavras-chave: Práticas jornalísticas. Morte. Imagem. Mediatização.

Carmen Miranda, Ayrton Senna, Hebe Camargo, Mandela, Chorão, Amy Winehouse, Cristiano Araújo, Chester Bennington. O que estes nomes de personalidades tão diferentes possuem em comum? Aparentemente não é possível traçar nenhuma ligação, exceto o fato de que suas mortes foram amplamente divulgadas. Independentemente das questões políticas e sociais vigentes em cada período, observa-se que a morte é sempre um tema recorrente no jornalismo. Tal recorrência se deve ao fato de que a morte ainda é um assunto tabu socialmente e também que desperta grande interesse. Assim, se toda a grande cobertura jornalística requer trabalho detalhado, busca por informações precisas e fontes diferenciadas, o que dizer de um fato como este?

Quando a pauta é ligada à morte, todas as instruções básicas de reportagens que aprendemos no curso de jornalismo precisam de uma atenção maior no momento de construir a reportagem. Ao ingressar nas cadeiras introdutórias do curso, aprendemos que pautas delicadas como essas acabam ganhando um maior espaço nos veículos de comunicação, e que o trabalho do jornalista na construção de capas, manchetes, títulos e busca por fontes é mais minuciosa.

A fim de entender e saber mais sobre o processo de construção deste estilo de cobertura, serão analisadas as reportagens sobre a retratação da morte da cantora Elis Regina, publicadas em janeiro e fevereiro de 1982 - período em que a sociedade dos



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

meios transitava para a midiatização. As revistas selecionadas são Veja, IstoÉ e Fatos e Fotos/Gente.

Além da relevância de Elis no cenário musical e cultural, as pautas sobre morte quando chegam às redações substituem qualquer outro grande acontecimento, passando a ser a principal notícia dos veículos. Dessa maneira, quando se trata de mortes de celebridades, os meios de comunicação apresentam extensas reportagens sobre a vida da celebridade.

Sendo assim, as reportagens selecionadas têm como intuito buscar entender de que forma as práticas jornalísticas para retratar a morte, no passado, se manifestam nas lógicas jornalísticas atuais? Além disso, o objetivo é buscar compreender os efeitos que as narrativas potencialmente provocam durante a leitura do público e quais os procedimentos jornalísticos tradicionais utilizados na cobertura de celebridades. A identificação da sensibilidade de cada revista, a recuperação dos circuitos e ambientes divididos da circulação midiática do caso também são propósitos desta pesquisa.

Neste sentido, este trabalho visa investigar como o jornalismo lida com a morte e constrói/destrói em suas páginas e edições a imagem de uma estrela. Por se tratar de um assunto tabu na sociedade da época, a ideia de morte ganha força no espaço da notícia, seja como critério de noticiabilidade, seja como rito calendário. Assim, interessa pensar em nossa profissão como a morte é retratada, em especial por meio das imagens.

Importante ressaltar que esse estudo não se trata de um trabalho histórico, mas sim de voltar ao passado para analisar e compreender a forma como lidamos com a morte no jornalismo no presente. Além de também, contribuir para os estudos da área da comunicação e, conseqüentemente, do jornalismo e do estudo da imagem.

Diante das análises, foi possível notar que há traços do passado em nossas práticas jornalísticas atuais, e que isso não se torna uma característica negativa, mas que nos mostra que o jornalismo mantém a sua essência. O que se nota é a mudança na rotina do jornalista e que isso afeta o trabalho diário, pois hoje temos menos tempo de



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

apurar uma pauta e, em algumas situações, recebemos informações sem sair de dentro das redações. A diferença do passado para o futuro, dessa maneira, está no modo como as informações chegam até o jornalista e como a notícia circula entre os leitores. Além disso, por mais que se mantenham as práticas jornalísticas do passado, a linguagem do presente é diferente, pois hoje temos outros tipos de mídia. Em 1982 tínhamos revistas, jornais, rádio, televisão. Hoje, além de todas essas mídias, temos o infinito mundo da internet.

A morte, de fato é um critério de noticiabilidade dentro do jornalismo, e podemos perceber que muitas vezes a morte acaba se tornando apenas mais uma reportagem em meio a tantas outras. Quando apresentamos o caso de Elis, temos sim um maior destaque, pois ela é uma figura importante para a história do Brasil. Entretanto, em meio a tantas imagens de seu corpo dentro do caixão, da exposição da dor de sua família e amigos, temos, a cada imagem, a percepção de *mais uma foto do caixão*. A morte de grandes ícones e de grandes tragédias será sempre uma pauta pelo fato de sempre vermos algo além de um corpo. Mas o que isso significa? Significa que quando vemos a imagem de uma pessoa que morreu, não vemos apenas a sua imagem, mas a sua história, a sua importância. Criamos em nosso imaginário um perfil das pessoas, sem ao menos ter visto ou conversado com essas em vida. Por isso, nos comovemos tanto quando vemos a morte de alguém que não conhecemos, pois criamos em nosso imaginário um enredo da sua vida, do que ocasionou a morte.

Quando contrastamos o passado e o presente, o sentido, a intensidade e as percepções em relação à morte ganham significados distintos. Ao mesmo tempo em que podemos acompanhar a morte de perto pelos nossos telefones, estamos também nos distanciando do fato, pois acompanhamos de longe. Em 1982 também podíamos acompanhar de perto, só que de uma maneira limitada. Ou seja, o meio nos coloca dentro do cenário, sem que estejamos de fato no local.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

Com o processo de midiatização, a morte não é apenas informada por jornalistas, mas pela sociedade em geral. Inclusive, o jornalismo utiliza do material feito por atores sociais para noticiar. A morte de Elis poderia ter a mesma intensidade se fosse noticiada em 2018, a diferença seria o fluxo e os caminhos que a notícia tomaria. A morte se atualiza de acordo com os tipos de mídia que existe.

Ao apresentar a imagem de uma mulher tão intensa que foi Elis Regina, a sua morte nos gera curiosidade, afinal, foi o que me instigou a querer trabalhar a morte como pauta no jornalismo. Com tantas imagens de caixão, é possível ver que esse excesso de fotografias, que explora a dor, possui duas origens: a procura das pessoas por esse estilo de fotografia e a forma como o jornalismo encontra para retratar a morte por meio da imagem. O caixão nos traduz a dor, a perda, o inconformismo com o fim da vida. Ao ver as revistas sobre a morte de Elis, por meio da cronologia das imagens, é possível sentir a intensidade da sua morte, da grande dor que o país sentiu em 1982. O passado poder ser sentido no presente por meio das imagens.

Outro ponto notável é que não existe um treinamento ou manual de como lidar com pautas ligadas à morte. Não existe o modo certo de conversar com os familiares sem invadir a dor desses. Percebemos que nesses momentos é preciso respeitar a dor e ser ético. No presente, esse pensamento precisa ser ainda mais enfatizado, pois uma imagem não fica apenas em uma capa de uma revista, mas em circulação por infinitos meios digitais. Por exemplo, se o caso de Elis ocorresse atualmente, seu laudo poderia ter sido vazado e percorrido pela internet antes mesmo da família saber, o que causaria ainda mais dor para seus entes. A diferença do passado e presente quando se trata de circulação de informações, é o alerta para o cuidado com o tipo de imagem e informação que irá compor a reportagem.

Entretanto, ao trabalharmos diariamente com o jornalismo, a morte se torna algo rotineiro. Precisamos ao mesmo tempo informar e lidar com a dor da perda de alguém que não conhecemos. Mas como informar sem aumentar a dor de alguém? Mesmo com



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

a correria da profissão não precisamos ser jornalistas automatizados, mas sim humanizados. A morte sempre será um critério de noticiabilidade e cabe a nós jornalistas pensarmos em informar essa sem tornar uma pauta banal, chocante ou sensacionalista. É possível informar sem chocar e invadir a dor alheia.

Referências bibliográficas

ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

BAEZA, Pepe. **Por una función crítica de la fotografía de prensa**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2001. Disponível em: <<https://periodismograficounam.files.wordpress.com/2014/09/194777929-por-una-funcion-critica-1.pdf>>. Acesso em 14 agosto 2018.

BARTHES, Roland. **O óbvio e obtuso**: ensaios sobre fotografia, cinema, teatro e música. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/230837884/Barthes-A-Retorica-Da-Imagem>>. Acesso em: 20 julho 2018.

BORELLI, Viviane. O Processo De Midiatização Do Jornalismo: Desafios E Perspectivas Da Prática Laboratorial. **IV SIPECOM**: Seminário Internacional de Pesquisa em Comunicação Estreafias e Identidades Midiáticas - 12 a 14 set 2012. Disponível em <<http://coral.ufsm.br/sipecom/2012/anais/artigos/prodjornalistica/BORELLI.pdf>>. Acesso em: 04 julho 2018.

DA ROSA, Ana Paula. Imagens-totens e circulação: a chancela jornalística no caso Michael Jackson. **E-Compós**, v. 17, n. 2, 23 dez. 2014. Disponível em: <<http://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/1052/780>>. Acesso em: 01 outubro 2018.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. Disponível em: <<https://pesquisahistoricaurca.files.wordpress.com/2013/10/robert-darnton-o-beijo-de-lamourette.pdf>>. Acesso em: 19 julho 2018.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

DIDI HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo:Ed. 34, 1998.

ECHEVERRIA, Regina. **Furacão Elis**. São Paulo/Rio de Janeiro: Círculo do Livro/Nórdica, 1985.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos, seguido de, Envelhecer e morrer**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FARIA, Arthur de. **Elis - uma biografia musical**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2015.

FAUSTO NETO, Antônio. Jornalismo: sensibilidade e complexidade. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 18, p.17-30, dez. 2009. Disponível em:
<<http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/viewFile/2030/1670>>. Acesso em: 12 outubro 2018.

FAUSTO NETO, Antônio. **Mortes em derrapagem**: os casos Corona e Cazuza no discurso da comunicação de massa. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1991.

HJARVARD, Stig. Mídia e cultura: conceituando a mudança social e cultural. **Sistema de Información Científica Redalyc**, 2014. Disponível em:
<<http://www.redalyc.org/html/1430/143031143003/>>. Acesso em 04 julho 2018.

MARIA, Julio. **Elis Regina - Nada será como antes**. São Paulo: Master Books, 2015.

REVISTA FATOS E FOTOS/GENTE. Brasília: Bloch, nº 1.067, 1º de fev. de 1982.

REVISTA ISTOÉ. São Paulo: Caminho Editorial, nº 266, 27 jan. 1982

REVISTA VEJA: Reportagens exclusivas, notícias, informação e opinião. São Paulo: Abril, nº.699, 27 jan. 1982.

ROSA, Ana Paula da. **Guerra em imagens**: agendamento e sincronização do olhar pela mídia. Curitiba: UTP, 2008.

SILVA, G; VOGEL, D. Imagens de morte na primeira página. In: MAROCCO, B. et al. **Jornalismo e acontecimento**: diante da morte. Florianópolis: Insular, v.3, 2012. p. 169 - 183.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato**: notas para uma teoria do acontecimento. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Midiatização** e Processos Sociais

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SOSTER, Demétrio de Azeredo. Sobre midiática, mediação, poder e jornalismo. **Biblioteca On-line de Ciências e Comunicação**, Portugal, 2006. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/soster-demetro-sobre-midiaticacao.pdf>> . Acesso em: 3 julho 2018.

SOUSA, Jorge Pedro. **Teorias da notícia e do jornalismo**. Chapecó: Argos, 2002.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**, porque as notícias são como são. 2.ed. Florianópolis: Insular, 2005.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. 2.ed. Florianópolis: Insular, 2008. v.2

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.